

A CIÊNCIA COMO INVESTIGAÇÃO

(apontamentos)

Jayne Paviani

Ciência e filosofia são domínios distintos, não porém separáveis. São dois modos de abordar os mesmos problemas. Na realidade, nenhum tem autonomia plena em relação ao outro, embora a reflexão filosófica tenha sempre exercido uma ação fundadora em relação ao conhecimento científico. Neste sentido basta constatar que a determinação primária do objeto de investigação da ciência não é, falando de modo estrito, determinação da própria ciência, mas problema conhecido sob a denominação de "fundamentos". A ciência não tem condições por si só de constituir-se como ciência, de legitimar-se tanto sob o aspecto formal como sob o aspecto material. Histórica e ontologicamente esta legitimação sempre proveio da metafísica, da metafísica entendida como investigação de algo que está além do ente e como fundamento da concepção da realidade e da verdade próprio de uma época. No decorrer dos tempos, desde Platão até Kant, os filósofos sempre procuraram uma base firme, um fundamento sólido para dar cientificidade à ciência, apesar de nem sempre terem realizado suas intenções ou terem sido compreendidos. Pode-se discutir a posição dos filósofos e a natureza da filosofia, entretanto não é possível negar ao conhecimento filosófico a tarefa de pensar a ciência em relação ao existente em geral e, até mesmo, em relação ao não existente. Talvez para a ótica científica nenhum problema filosófico seja genuíno, mas mesmo esta afirmação tipicamente científica, isto é, se existe ou não uma questão filosófica genuína, é um problema que ultrapassa os limites da indagação científica. A ciência não pensa ou não pode pensar de modo radical, ou ainda, na

medida em que procura pensar além de suas fronteiras identifica-se com o pensamento filosófico. Não se trata de um paradoxo. Estamos apenas diante da verdadeira origem da essência da ciência, isto é, da abertura que define e constitui o processo de investigação. Ciência e filosofia surgem de um mesmo núcleo, avançam na mesma direção, só os passos são diferentes.

O cientista pesquisa, como diz **Popper**, "com a existência de uma estrutura de doutrinas científicas já existentes e com uma situação-problema que é reconhecida como problema nessa estrutura" (1975:23). Mas quem define esta estrutura de doutrinas científicas? Pode a ciência efetivar uma análise de seus procedimentos ou necessita de uma lógica do conhecimento para isto? A resposta às questões sempre foi dada pela filosofia entendida como fundamento e parte integrante da ciência. Nem mesmo **Popper** ao caracterizar os problemas "epistemológicos" nega a importância histórica e atual da metafísica como fonte donde brotam as teorias das ciências empíricas e deixa de reconhecer que existe um problema filosófico no qual todos os homens de cultura estão interessados: o de compreender o mundo — inclusive nós próprios e nosso conhecimento como parte do mundo (1975:535). Talvez **Popper** não tire todas as conclusões possíveis desta constatação: a ciência ocidental nada mais é do que uma parte do grande projeto que pretende "compreender o mundo". Em outras palavras, o conhecimento científico pressupõe uma determinada maneira de conceber a realidade em consequência de uma certa concepção da verdade.

A ciência vista como parte de um projeto global, ligada aos demais fenômenos culturais, é uma parcela da concretização histórica da racionalidade do homem ocidental. Como parte do projeto que quer "compreender o homem e o mundo" recebe seu impulso ou razão de ser da famosa constatação aristotélica de que todo homem deseja naturalmente o saber. Todavia, não se pode identificar o desejo de saber com a ciência moderna. O desejo de saber é um fenômeno existencial necessário. A ciência é um produto histórico, uma característica da época moderna, uma derivação do desejo natural de saber.

Entretanto, apesar da ciência não ser um fenômeno existencial necessário e uma marca essencial de um povo, ela se tornou na atualidade razão de si mesma, fundamento de si mesma, critério e medida de si mesma, isto é, hoje a concepção da realidade não é resultado de uma concepção da verdade, mas da determinação da ciência. Vivemos o agravamento da relação entre ciência e metafísica, ciência, ideologia e visão de mundo. A ciência chega a se propor como elemento decisório, como nova ideologia ou nova metafísica. Deste modo, o conhecimento pré-científico que funda o conhecimento científico passa a ser determinado pela ciência. Na

perspectiva epistemológica mudamos os termos do problema. No sentido ético e político, estamos na iminência de abdicar de nosso poder de decisão em favor do poder da ciência.

Estas colocações nos levam de volta à questão da essência da ciência. De início, poder-se-ia objetar que, quando se pretende definir a natureza da ciência, se cai necessariamente no dogmatismo, pois toda caracterização do fenômeno científico provém de uma concepção prévia, ideológica ou metafísica, da ciência. Assim surgem as definições positivistas, fenomenológicas, marxistas, etc. Ou ainda as definições de base antropológica, sociológica, psicológica, histórica, etc. Entretanto, isto não constitui um defeito, mas uma indicação a respeito da essência do conhecimento científico. A tentativa de um conceito unívoco, possível sob o ponto de vista lógico, talvez não englobe em extensão e profundidade todo o fenômeno da ciência. Na medida em que a reflexão assumir o problema de modo radical, outras perspectivas deverão aparecer. A partir desta direção, torna-se possível entender melhor a afirmação heideggeriana de que a ciência (moderna) consiste essencialmente na **investigação** definida como processo, o qual neste caso não significa somente método, modo de proceder, mas a própria abertura, domínio ou espaço que possibilita o método (Sendas Perdidas, 1960:69). As expressões tipicamente heideggerianas oferecem uma certa dificuldade ao entendimento e à clareza, mas nem por isso são menos importantes na tentativa de caracterizar a natureza da ciência. Os termos "abertura", "domínio" e "campo" podem indicar o conhecimento pré-científico ou a pré-compreensão do objeto a ser investigado, como podem indicar uma atitude ou posição do investigador. Porém, nem todos concordam com a existência do conhecimento pré-científico. Os que acreditam exclusivamente na ciência como o único conhecimento real, não admitem que se fale no conhecimento originário, mas à semelhança do homem comum que tem fé apenas naquilo que vê, estes "eruditos" têm fé apenas no conhecimento chamado científico. Na realidade, como ensina **Merleau-Ponty**, os métodos de prova e de conhecimento que inventa um pensamento já instalado no mundo, os conceitos de objeto e de sujeito que introduz não nos permitem compreender que há uma adesão que se sabe além das provas... (O Visível e o Invisível, 1964:37).

As expressões "abertura", "campo", "adesão", aproximam-se historicamente com aquilo que na **episteme** grega, na **scientia** medieval e na ciência moderna se diz com as expressões "hábito intelectual" ou "espírito científico". O exame destas expressões nos permite concluir que a ciência em suas origens é uma atividade, uma atividade indistintamente filosófica e científica. Também nos permite concluir que a "adesão" ou a "abertura" fundada no desejo natural de saber oferece um ponto de partida capaz de ca-

racterizar, de um lado, a atitude indagadora (de caráter dedutivo) e, de outro lado, a necessidade do uso do método para atingir o objeto.

Todavia, o método não é o único ponto decisivo para a efetivação do conhecimento científico. A sobrevalorização do método desvirtua a natureza da ciência e isto é devido ao desconhecimento da existência do pré-conhecimento que determina o objeto. Só a idéia da ciência como investigação sustenta a abertura do objeto e pode exercer um controle crítico sobre o processo e o produto científico, evitando assim a absolutização da ciência. Só a idéia de ciência como investigação impede uma separação total entre o conhecimento científico e as demais formas de conhecimento, entre a linguagem comum e a metalinguagem.

A ciência como investigação, atividade que se define indagadora, está marcada pela transcendência. O fazer científico, a pesquisa, é um ato de transcendência que se realiza em função de algo, numa determinada direção e, em consequência, não se esgota nos procedimentos metodológicos. O método é indispensável, mas não a base da ciência. A ciência em suas origens e em sua essência é ação com intenção expressa, metodicamente definida, de investigação. A investigação como processo é a condição de possibilidade do uso metodológico. Em vista disto, a ciência pode nos oferecer resultados ou conclusões importantes para a vida do homem, mas ela mesma nunca chega a ser um produto acabado. Deve ser vista como instrumento relativo e ao mesmo tempo necessário para a criação de opções e tomada de decisões. Só assim a ciência poderá contribuir no sentido de desenvolver e realizar o projeto que consiste "no compreender o homem e o mundo". Só assim a ciência poderá deixar de ser sistema de controle do homem para tornar-se instrumento a serviço do homem.

Estes breves apontamentos, escritos em tom de depoimento, têm a finalidade de propor a seguinte questão: a ciência como investigação deve ser vista aquém e além do nível metodológico, deve ser vista aquém e além do conceito proposicional de ciência (isto é como conjunto de enunciados de caracterização e fundamentação específica sobre um determinado domínio ou objeto), deve ser vista como um projeto que envolve a esfera ética e política. Trata-se de uma questão aberta ao debate.